

## OS SABERES E FAZERES ETNOMATEMÁTICOS NA AGRICULTURA GUARANI: EDUCAÇÃO, CULTURA E DIVERSIDADE

Marcia Dahmer de Morais<sup>1</sup>  
Marcos Lübeck<sup>2</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar saberes e fazeres tradicionais presentes na agricultura familiar Guarani, no que concerne as suas matemáticas, identificando quais destes são utilizados pelos indígenas cotidianamente, fortalecendo os conhecimentos históricos e lutas destes grupos singulares. A pesquisa esta sendo realizada na comunidade indígena Guarani Tekoha Ocoy, situada no Município de São Miguel do Iguazu/PR, junto às famílias que estão ligadas diretamente com a rotina dos alunos do Colégio Estadual Indígena Teko Nemoingo, instituição de ensino da comunidade, onde a pesquisadora atua como docente. Nesta esteira, em termos metodológicos, por meio da observação participante, estão sendo realizadas ações relacionando os conhecimentos culturais ligadas a agricultura indígena, seus saberes e fazeres próprios, levando em conta a importância deste estudo para práticas culturais contextualizadas, destacando que as matemáticas não estão apenas dentro da escola, mas em todos os espaços sociais. Para isto, será utilizado o viés do Programa Etnomatemática, à luz de autores que defendem o estreitamento dos saberes escolares com a prática cotidiana dos diferentes grupos étnicos. Assim, o compromisso da pesquisa é Identificar quais os saberes e fazeres etnomatemáticos tradicionais empregados pelos indígenas Guarani na agricultura familiar e quais destes fazem relação, se é que fazem, com a matemática escolar, destacando paralelos destes com a cosmovisão, a cultura e a religiosidade desta comunidade indígena.

**Palavras-chave:** Agricultura Guarani, Saberes/Fazeres Indígenas, Etnomatemática.

### INTRODUÇÃO

O interesse por esta pesquisa nasce por um anseio de favorecer aos alunos de um colégio indígena a fim de que aconteça um estreitamento entre o aprendido em sala de aula com os seus saberes/fazeres familiares, contribuindo, desta forma, para uma maior significação a partir dos insumos escolares a eles apresentados. Enquanto professora e atenta à realidade local busca trabalhar uma matemática voltada para sala de aula fazendo relação com a vivência e o cotidiano dos alunos e seus familiares, enfatizando os conhecimentos históricos dos povos desta comunidade e a importância da relação e do fortalecimento dos conteúdos matemáticos com a realidade dos alunos indígenas Guarani em seus aspectos 10 culturais.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Unioeste, [dahmerdemorais@gmail.com](mailto:dahmerdemorais@gmail.com).

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor em Educação Matemática da Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UNIOESTE; [marcoslubeck@gmail.com](mailto:marcoslubeck@gmail.com).

Não obstante, os povos indígenas Guarani têm seus próprios métodos, suas ferramentas e práticas de medidas, como a altura e a largura; o comprimento e a distância, que são usados para medir o crescimento de plantas; para ver a altura das casas; o tamanho das armadilhas e da roça... Esses conhecimentos são fundamentais e passam por gerações, devendo ser resgatados e preservados, e a melhor forma de resgate, quando for o caso, é a valorização desses conhecimentos. Neste sentido, levando as famílias a perceberem a importância e a relação que existe, quando for o caso, entre a matemática enquanto ciência e/ou enquanto disciplina e os aspectos culturais da agricultura indígena.

Por sua vez, é fundamental que o profissional docente não indígena, que por ventura venha a lecionar neste espaço de educação escolar diferenciada, se dedique em estudos aprofundados da cultura na qual está lecionando. Isso potencializa o processo de ensino-aprendizagem e o fortalecimento da educação escolar destes alunos indígenas. Assim, esta pesquisa, que tem por relevância um caráter cultural e pedagógico, e busca relacionar a presença da matemática própria da cultura Guarani na agricultura indígena e os diferentes saberes/fazer locais.

Para a pesquisa, estão sendo levados em consideração os conhecimentos adquiridos ao longo da história da nação Guarani, seus costumes, saberes e fazeres perante a agricultura, como o plantio da mandioca, milho, amendoim, além do cultivo de suas plantas medicinais. A partir disso, surge o questionamento: Quais saberes e fazeres etnomatemáticos tradicionais estão presentes na agricultura familiar indígena Guarani praticada no cotidiano dos alunos da Comunidade Indígena Tekoha Ocoy? Nesse sentido surge o objetivo geral de pesquisar os saberes e fazeres etnomatemáticos tradicionais utilizados pelos indígenas Guarani na sua agricultura familiar e quais destes fazem relação com o processo de ensino aprendizagem da matemática no espaço escola. Assim como os objetivos específicos de: a) Estudar, a partir da cosmologia Guarani, os usos e recursos etnomatemáticos tradicionais empregados na agricultura familiar dessa comunidade indígena; b) Explorar possíveis relações entre os saberes e fazeres próprios dos Guarani e a matemática escolar; c) Entender a importância destes conhecimentos na comunidade, fortalecendo a cultura Guarani.

Para realizar este estudo, a pesquisa perfará uma observação descritiva, de cunho participante e de natureza qualitativa. Assim, a pesquisa se debruçará sobre informações coletadas a partir de situações de pesquisa e a observação com as famílias da comunidade Tekoha Ocoy, no intuito de promover um diálogo cultural entre saberes locais e universais. Através de uma observação onde a pesquisadora permanecerá em contato direto com o grupo pesquisado, analisando e observando as técnicas e os costumes culturais, assim como

anotando todas as informações possíveis que possam ser coletados, para assim conseguir verificar se existem relações com o que este grupo produz dentro da agricultura indígena e a matemática, como distribuição de canteiros, rotação de plantio, etc., fortalecendo a cultura Guarani.

A escola tem um papel fundamental no fortalecimento da cultura indígena, e pela escola ter autonomia de oferecer um ensino diferenciado aos seus alunos, surge a necessidade dos professores não indígenas de aprender sobre a cultura, buscando conhecimento não só dentro da escola com seus colegas indígenas, mas também com seus alunos, familiares dos alunos e com lideranças que junto com a equipe gestora que também auxiliam a manter a cultura sempre viva dentro do ambiente escolar.

## **METODOLOGIA**

Para realizar este estudo, a pesquisa perfará uma observação descritiva, de cunho participante e de natureza qualitativa. Segundo Moreira (2002, p. 52), a observação participante é conceituada como sendo “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”.

Assim, a pesquisa esta sendo realizada através de informações coletadas a partir de situações de pesquisa e a observação com as famílias da comunidade Tekoha Ocoy, no intuito de promover um diálogo cultural entre saberes locais e universais. Através de uma observação onde a pesquisadora permanece em contato direto com o grupo pesquisado, analisando e observando as técnicas e os costumes culturais, assim como anotando todas as informações possíveis que possam ser coletados, para assim conseguir verificar se existem relações com o que este grupo produz dentro da agricultura indígena e a matemática, como distribuição de canteiros, rotação de plantio, etc., fortalecendo a cultura Guarani. Por se tratar de um contexto específico e diferenciado, serão utilizados tantos instrumentos de geração de dados quanto forem necessários para melhor compreender este cenário, dentre eles: diário de campo; materiais bibliográficos; fotografias; documentos escolares e culturais; outras formas de registros e anotações. Nesta esteira, para atender aos objetivos de pesquisa, busca-se ressaltar a importância da Etnomatemática no contexto indígena.

Neste sentido, além de observar as maneiras e práticas diferenciadas da agricultura indígena, favorecer o despertar as questões para que essas família possam ter uma visão de que a matemática se faz presente em todos os momentos de vida diária e que para isso estudá-

la sob uma perspectiva étnica pode ser possível. Pesquisas assim ajudam a construir o respeito para com os povos indígenas em suas diferentes etnias, motivando os saberes/fazeresses das comunidades e em suas composições culturais. Ressalta-se novamente que o motivo para trabalhar com a agricultura indígena surge de uma necessidade em fortalecer a cultura e como professores nosso dever é relacionar conteúdos de sala de aula com a realidade de vida dos alunos indígenas. Aliás, realizar uma imersão e um apanhado de informações junto às famílias que plantam e cultivam alimentos para consumo próprio será um exercício capaz tanto de mapear o saber/fazer indígena Guarani no tangente as matemáticas, bem como favorecer a participação de forma mais ativa do âmbito escolar no cotidiano destas famílias. Ademais, ao perfazer uma abordagem mais ativa da vida destes sujeitos, articular-se-á a manutenção da sua cultura, e também para que a professora/pesquisadora possa ver na prática como esse povo produz e o que produz.

Para essa pesquisa, que envolve população indígena, foi necessária a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), diretamente ligada ao Conselho Nacional de Saúde (CNS), onde sua principal atribuição, que é a avaliação dos aspectos éticos das pesquisas que envolvem seres humanos no Brasil.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Para Maldaner (2016), os saberes abordados nas instituições escolares indígenas devem contemplar a natureza no que tange as seguintes proposições: preservação das matas; sua importância histórica e cultural; o manejo com plantas e ervas medicinais, que para os Guarani são remédios naturais; a religiosidade; a arte indígena e suas produções, além das atividades esportivas praticadas, que fizeram e fazem parte de seu cotidiano e da sua cultura.

Contudo, de acordo com Luciano (2006), a Educação Escolar Indígena refere-se à uma escola preparada com e para os indígenas no intuito de reforçar a sua cultura e abrir caminhos para o acesso a novos conhecimentos, a fim de contribuir com a capacidade de responder às novas demandas geradas a partir do contato com a sociedade fora da comunidade indígena.

Pensando nisto, o trabalho docente, que deve ocorrer em um espaço escolar diferenciado, consiste em analisar relações tanto entre exemplos reais como imaginários. Desta forma, nas palavras de Carvalho (2018, p. 28),

[...] sabemos que, nós indígenas, produzimos esse saber matemático diferente, na prática do nosso cotidiano e está entrelaçado com a nossa

cultura. Nós não temos um conceito de matemática na nossa cosmologia indígena, porque a matemática escolar foi organizada em caixinhas. Nós, Guarani e Kaiowá, temos palavras muito fortes, que fazem parte do nosso saber, dos conhecimentos indígenas que, nessa longa caminhada histórica da nossa cultura, utilizamos no nosso dia a dia e, nessa cultura, também a matemática indígena está presente: nos objetos, nos utensílios, nas nossas casas e nas práticas cotidianas.

Ou seja, é necessário que o docente faça sentido para além da questão escolar, ao cotidiano e à cosmovisão indígena. Apoiando isso, Felipim (2001) defende que a economia do sustento da cultura Guarani se caracteriza, sobretudo, pela combinação de atividades como a caça, a pesca, a coleta e, principalmente, a agricultura, onde quem produz e consome é o próprio grupo familiar. Por sua vez, para que essas atividades sejam praticadas, em maior ou menor escala, dependem totalmente do ambiente onde as famílias Guarani estão localizadas, além da dependência que cada grupo indígena tem para com as questões estruturais e sociais favoráveis para tais práticas. Assim afirma também Carvalho (2018, p. 31):

A falta de terras é um problema que requer planejamento e não depende das populações indígenas. Quando partimos para a escola e são trabalhados os problemas e as crianças precisam de algoritmo para solucionar, as dificuldades começam a aparecer. É preciso que os problemas sejam sistematizados, tanto escolares como os do cotidiano das crianças e que seja trabalhada a realidade das crianças indígenas usando o algoritmo da matemática ocidental.

Segundo o Plano Setorial para as Culturas Indígenas (2012), é fundamental que o povo brasileiro conheça a riqueza cultural dos povos indígenas, mostrando a importância de recuperar a valorização da participação indígena na formação da identidade, das instituições e do território nacional. Contudo, apesar dos direitos indígenas serem garantidos pela Constituição Federal, o fortalecimento da cultura, educação, território, religião e costumes, estão sendo cada vez mais fragilizados, em forma de um modelo hegemônico de sociedade.

Esta visão unificada acarreta estereótipos e produz preconceitos aos indígenas, que historicamente foram e continuam sendo marginalizados, tomados por vezes como selvagens, não civilizados, devendo permanecer isolados e afastados das cidades, sem tecnologias modernas e desligados das sociedades globalizadas, ou pior do que isso, despejados de suas terras e despojados de seus modos de viver estabelecidos. Segundo Ribeiro (2019), é bem evidente a importância que a escola assume, transformando muitas situações de ensino em oportunidades de educação diferenciada e de qualidade aos seus alunos.

Pensando nisto, muito embora em uma realidade dura, imposta por políticas educacionais de âmbito nacional excludentes, a Educação Escolar Indígena proporciona uma aprendizagem dos conteúdos curriculares específicos, de acordo com cada realidade,

permeando os saberes institucionalizados (base comum) com os saberes/fazeres presentes na cultura, religião e costumes de cada comunidade (parte diferenciada).

Assim, cabe pontuar que os direitos educacionais indígenas estão assegurados na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, Lei nº 9.394/96. Segundo consta neste documento, destacam-se os seguintes artigos:

8 Art. 78º. O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos: I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências; II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não índias. Art. 79º. A União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa. § 1º. Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas. § 2º. Os programas a que se refere este artigo, incluídos nos Planos Nacionais de Educação, terão os seguintes objetivos: I - fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena; II - manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas; III - desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades; IV - elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado (BRASIL, 1996, p. 49).

Ainda, conforme destaca Ribeiro (2019), além dos direitos constitucionais é necessário construir uma educação multicultural, por meio da qual a educação e a aprendizagem dos alunos compreendam as relações sociais e as diferentes formas de expressão cultural que envolvem o cotidiano de cada grupo em suas próprias escolas.

Para D'Ambrosio (1997, p. 63), esse sistema de ensino, diferenciado, que se direciona a partir dos princípios de uma educação multicultural, é

[...] a direção necessária que deve tomar o processo educativo para fazer face a complexidade de um mundo que se globaliza num ritmo crescente. O grande objetivo é evitar que o processo de globalização conduza a uma homogeneização, cujo resultado é a submissão e mesmo a extinção de várias expressões culturais (D'AMBROSIO, 1997, p. 63).

E como aponta Gerdes (2000, p. 379), “a investigação etnomatemática estuda os processos das múltiplas e dinâmicas conexões e relações entre o desenvolvimento de ideias e práticas matemáticas e outros elementos e aspectos culturais.” Assim, a Etnomatemática se torna uma alternativa plausível para os estudos das matemáticas, justamente por relacionar a cultura e a formação, bem como com os aspectos culturais e pedagógicos da prática docente.

Neste sentido, D'Ambrosio (1986) disserta que a Etnomatemática favorece um avanço no ensino, ampliando assim o aprendizado ao englobar outras questões de cunho

étnico, como os saberes anciões, por exemplo, favorecendo, desta forma, uma ação modificadora da realidade do indivíduo. Ou seja, a prática do que aprendemos com o saber adquire se torna uma significação permanente. Todavia, afirma Lübeck (2005, p. 11) que a relação entre comunidade e cultura “torna-se evidente quando se considera que cada indivíduo e cada comunidade apresentam sua forma particular de cultura, sua identidade e estrutura, que permite distingui-los dos outros sujeitos”. Desta maneira, pode-se inferir que uma das formas de maior aprendizado para alunos de culturas diferentes é a valorização de todos seus conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida, juntamente com sua comunidade, acontecendo uma troca de saberes entre professores, alunos indígenas e a comunidade desse entorno.

Por fim, cabe lembrar Ribeiro (2019), que analisa que a organização do currículo das escolas indígenas, mesmo amparado por lei, não é sempre que se encontram conteúdos diferenciados em sua organização. Daí a necessidade de os professores que lecionam nestas instituições ampliem e desenvolver novas estratégias pedagógicas que promovam e valorizem a diversidade cultural da comunidade da qual a escola faz parte. Neste sentido, pesquisar a relação entre os saberes/fazeres locais com o ensino da matemática, sob um viés etnomatemático, é bem pertinente, e fomentará uma escolarização pautada no respeito, na solidariedade e na cooperação para com os saberes e fazeres de cada povo envolvido nessa relação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa ainda esta em andamento, por este motivo, os reultados finais ainda não estão prontos. Para iniciar a pesquisa, foi necessários conhecer melhor sobre a cultura, e a matemática básica que seria usado para seguir com ela, nesse caso a escrita dos números, dias da semana, meses, além de termos importantes na agricultura guarani e as culturas definitivas que seriam usadas para construir o calendário de plantio guarani.

Os dias da semana e os meses do ano também são termos fundamentais e serão usados nesta pesquisa, no que diz respeito a colheita e plantio e será utilizado principalmente para a elaboração do calendário de plantio Guarani, que é feito através da realidade de cada comunidade, contando com o tipo de local, a umidade, e o clima da região.

Na escrita dos dias da semana em guarani, as palavras iniciam com *ara* que significa dia em guarani, seguido pelo sufixo dos números começando pelo um, que tem o sufixo *tei* da palavra *petei* (um), assim ficou primeiro dia da semana aratei (domingo) e assim

sucessivamente até o dia sete *arapokõi*, *ara* (dia) *pokõi* (sete). Assim como os meses do ano, as palavras iniciam pela palavra *Jasy* que significa meses em Guaraní, e para compor então os meses do ano segue a mesma regra dos dias da semana, a palavra se inicia por *Jasy* seguido do sufixo dos números de um a doze.

O calendário de plantio guarani é dividido em quase fases: *Ary Pyahu*, *Ary Mbyte*, *Ary Guyje*, *Ary Yma*. O ano se inicia em *Ary Pyahu*, pois significa ano novo, é o tempo que se inicia o ciclo de vida na Terra, e para os Guaranis que vivem na comunidade *Tekoha Ocoy*, esse tempo se inicia em maio e junho, pois é quando começam a preparação do solo. No *Ary Mbyte* que é a metade do ano, é o tempo em que as plantas crescem e as famílias se preparam para a próxima fase que é o tempo da colheita. No *Ary Guyje*, que é o tempo da colheita, para os Guaranis este é o momento de consagração da terra fazendo com que o sol se aproxima da terra.

Para os Guaranis a agricultura é muito importante, pois é dela que vem o sustento para todos os seres terrestre e espiritual, e para isso é preciso saber como é a organização do sistema Guaraní. Dessa forma, após uma breve pesquisa com os professores indígenas para saber quais são os alimentos mais cultivados pelas famílias na comunidade, observou-se que os mais cultivados são mandioca, feijão, batata doce, amendoim, melancia, abóbora, milho e banana e com as informações, de melhor tempo para plantio.

Um dia muito importante para toda a comunidade guarani, é o *nhemongarai*, neste dia é realizado o batismo das sementes e também, as crianças que ainda não tem nome, recebem o nome que é dado pelo líder espiritual *Karai*, a comunidade se planeja com bastante antecedência para que tudo ocorra da melhor forma possível.

O *Nhemongarai* também é o ritual de “batismo das sementes” e quem conduz esse ritual são os *xamõi* (avô, ancião, sábio), é através do *petyngua* (caximbo), que o xamoi busca a ligação com *Nhanderu* (Deus) para conseguir para obter boas notícias e conseguir discernimento para abençoar todas as pessoas que estão participando do ritual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola tem um papel fundamental no fortalecimento da cultura indígena, e pela escola ter autonomia de oferecer um ensino diferenciado aos seus alunos, surge a necessidade dos professores não indígenas de aprender sobre a cultura, buscando conhecimento não só dentro da escola com seus colegas indígenas, mas também com seus



alunos, familiares dos alunos e com lideranças que junto com a equipe gestora que também auxiliam a manter a cultura sempre viva dentro do ambiente escolar.

Para que haja esse fortalecimento cultural e que faça relação com os conteúdos, que devem ser associados aos planejamentos que são disponibilizados as escolas públicas como uma Base Nacional Comum Curricular, os professores precisam ter conhecimentos buscando-os diretamente com a comunidade. Por meio disso, busca-se encontrar diferentes formas de como os conhecimentos deste povo singular podem ajudar aos professores na construção de seus planejamentos.

Com os conhecimentos adquiridos, que com os resultados desta análise possa ser criado um material onde professores não somente desta comunidade, mas também de outras escolas indígenas, futuros professores que possam vir a trabalhar em escolas indígenas tenham a oportunidade de ver esta pesquisa como uma possibilidade de ajudá-los a compreender mais sobre a cultura da comunidade em que está atuando e possam utilizá-la com referência na criação de seus materiais de trabalho.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural. Plano Setorial para as Culturas Indígenas**. Brasília: MEC/SIDC, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Comitê de Educação Escolar Indígena. Diretrizes para a política nacional de educação escolar indígena**. 2. ed. Brasília: MEC/SEF/DPEF, 1994.

CARVALHO, K. B. **A matemática da cultura guarani/kaiowa e o processo de ensino/aprendizagem: diálogos de saberes**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2018. Disponível em <[Untitled \(123dok.com\)](#)> Acesso em 31 de ago de 2022.

D'AMBROSIO, U. **A era da consciência**. São Paulo: Fundação Petrópolis, 1997.

D'AMBROSIO, U. **Da Realidade a Ação: Reflexões sobre educação e Matemática**. 2. ed. São Paulo: Summus Campinas: Ed. Unicamp, 1986.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: um programa**. Educação Matemática em Revista. Ano 1, n. 01, 1993.

FELIPIM, A. P. **O sistema agrícola Guarani Mbyá e seus cultivares de milho: um estudo de caso na Aldeia Guarani da Ilha do Cardoso, município de Cananéia, SP.** Dissertação (Mestrado em Ciências). Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, 2001. Disponível em < [CAPA2 \(usp.br\)](http://CAPA2.usp.br)> Acesso em 31 de ago de 2022.

GERDES, P. A Investigação Etnomatemática como estímulo para a pesquisa matemática. In: congresso brasileiro de etnomatemática, 1, 2000. São Paulo. **Anais...** São Paulo: FEUSP, 2000. Disponível em < [Paulus Gerdes \(usp.br\)](http://PaulusGerdes.usp.br)> Acesso em 31 de ago 2022.

LÜBECK, M. **Uma investigação etnomatemática sobre os trabalhos dos jesuítas nos Sete Povos das Missões/RS nos séculos XVII e XVIII.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, 2005. Disponível em < [Uma investigação etnomatemática sobre os trabalhos dos jesuítas nos Sete Povos das Missões/RS nos séculos XVII e XVIII \(unesp.br\)](http://UmaInvestigacaoEtnomatematica.unesp.br)> Acesso em 31 de ago de 2022.

LUCIANO, G. S. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. LACED/ Museu Nacional, 2006. Disponível em < [indio\\_brasileiro.pdf \(diaadia.pr.gov.br\)](http://indio_brasileiro.pdf(diaadia.pr.gov.br))> Acesso em 31 de ago de 2022.

MALDANER, M. P. **Educação e Cultura Indígena Guarani: Práticas Educacionais no Colégio Estadual Indígena Teko Nemoingo, Tekoha Ocoy.** Dissertação (Mestrado em Integração Contemporânea da América Latina), UNILA, Foz do Iguaçu 2016. Disponível em < [DISSERTAÇÃO FINAL MARCELO REVISADA7 \(7\) \(1\).pdf \(unila.edu.br\)](http://DISSERTAÇÃO_FINAL_MARCELO_REVISADA7(7)(1).pdf(unila.edu.br))> Acesso em 31 de ago de 2022.

MELIÁ, B. Mito y educación. **Estudios Leopoldinenses.** Série Educação, v. 1, p. 27-34, 1997.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

RIBEIRO, R. G. T. **Práticas educativas de matemática implementadas no Ensino Médio em um colégio estadual indígena Guarani.** 104 p. Dissertação (Mestrado em Ensino). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2019. Disponível em < <http://tede.unioeste.br/handle/tede/4384>> Acesso em 31 de ago de 2022.